

VI

NOVOS RUMOS

A família Estigarríbia não voltou a renovar suas absurdas exigências e o próprio D. Alfonso fez o possível por demonstrar atitudes novas e mudança de propósitos, de sorte que a torpe extorsão não chegou a consumir-se. Ciente do fato, o bispo Molina desautorizou os criminosos intuitos e providenciou para que o confisco não ultrapassasse os limites indicados pelos inquisidores.

Encerrado o incidente, a vida na granja prosseguia em adorável simplicidade.

Alcione fizera-se amiguinha fiél de Padre Damiano e Madalena parecia regosijar-se com a nova companhia.

O eclesiástico revelava idéias diferentes de sua época. Embebido nas veneráveis tradições do passado, não podia compreender os crimes tramados na sombra, em nome de Deus. Apreciava a filosofia antiga, desprezava os exageros do fanatismo e não concordava com a tirania do Santo Ofício. Quasi diariamente, á noite, ia á vivenda modesta da viuva Davenport, a cuja porta a pequenina Alcione se postava para saudar graciosamente o cavalo paciente e manso, que o servia no pequeno trajeto.

As conversações interessantes desdobravam-se, animadoras. Madalena Vilamil parecia encontrar nas interpretações do religioso mais duradouras consolações.

— Padre Damiano, — dizia — a igreja parece preocupar-se de nossas amarguras. Em toda parte ponderam as injunções políticas, ao passo que Jesus foi

bem claro nos ensinamentos relativos ao seu Reino, que ainda não é dêste mundo. Todavia, em vez de cuidar da redenção das almas, a maioria dos clérigos permanece em disputas vãs. Vivemos uma época de trevas espessas. A Inquisição é muito mais poderosa que os reis sem coração. A que atribuir tais desmandos? Não considereis que temos sido escravos antes que devotos?

— Sim, minha filha, — esclarecia o amigo com a sua madura experiencia da vida — tuas observações são justas. Deus cria a vida, não o cativo. Entretanto, esses clamorosos desvios são das instituições humanas. Os padres ambiciosos de poder temporal constituem fileira quasi interminável, nos tempos atuais, mas não poderão nunca destruir o cristianismo na sua essencia eterna, divina. A misericórdia de Deus lhes tolera os insultos, mas ha-de chegar o tempo de restabelecer a verdade. Sou de opinião que todas as iniquidades da Terra são impotentes para aniquilar uma centelha de nossa fé.

A última frase despertou em Madalena pensamentos novos. Num belo minuto de meditação, esquecia as vicissitudes da Terra e as angústias do Tempo, para alcançar-se aos sublimes problemas da alma.

— A fé? — obtemperou — como adquiri-la, padre? De mim a entendo como um estado superior, conseguido na oração. Tudo tenho feito por encontrar alívio e refúgio na confiança em Deus. No entanto, sinto-me bem longe da paz íntima que tanto ambiciono.

O eclesiástico lançou-lhe um olhar significativo, como a dizer que lhe era impossível resolver definitivamente a questão e explicou:

— Não poderemos criar os valores da fé, enquanto nos sobeje a inquietação e acredito que nossas relações com a Divindade devem ser as mais simples possível. Quanto a mim, considero que cada dia é uma oportunidade renovada para o labor de nossa redenção. Resumo as minhas preces á vigília da manhã, na qual procuro a inspiração do Evangelho ou dos livros que nos suscitam desejos de perfeita união com o Cristo, e ao louvor da noite, quando busco examinar os ensejos de serviço ou testemunhos que o Senhor me facultou.

Ela não compreendeu a contento e interrogou:

— Mas... como?

— Toda a leitura edificante derivou da Providencia por intermédio dos seus mensageiros, em nosso socôrro; com as suas advertencias e conceitos, sábios e preciosos, faço a vigília matinal e á noite rendo graças ao Pai, em consciência, pelos favores que me foram dispensados. Na vigília, estabeleço propósitos redentores; e no exame da noite julgo-me a mim mesmo, para verificar onde se cristalizaram minhas maiores fraquezas, a-fim-de emenda-las no dia imediato. O mundo, a meus olhos é uma vasta oficina, onde poderemos concertar muita cousa, mas reconhecendo que os primeiros reparos são intrinsecos a nós mesmos.

Grandemente interessada, a suposta viuva de Cirilo insistiu:

— Se dais tanto valor ao esforço espiritual da manhã e ás meditações da noite, como encerrar o dia?

— Creio que entre a vigília e o louvor está o trabalho que o Senhor nos deferiu. O dia constitue o ensêjo de concretizar as intenções que a matinal vigília nos sugere e que á noite balanceamos.

O reduzido auditorio, isto é: Madalena, Alcione e Dolores, bebiam-lhe os conceitos com profunda atenção.

A serva, talvez impressionada pelas suas definições de trabalho, indagou:

— Padre Damiano, como proceder, então, nos dias em que as circunstâncias nos impeçam de trabalhar? Estaremos fugindo ao ensêjo que Deus nos concedeu?

O religioso compreendeu o movel da pergunta e tentou explicar:

— Acreditas, então, que só aos braços foram conferidas as atribuições de serviço? Os ouvidos trabalham quando ouvem, os pés quando caminham. A lingua esforça-se, a inteligência atúa. Quando cessam as possibilidades de ação no exterior, ha no intimo da criatura todo um mundo a desbravar. Chego a refletir que, ás vezes, a enfermidade atormenta a criatura para que ela se volte para dentro de si e aproveite a oportunidade, no esforço laborioso de sua renovação.

Para a filha de D. Inácio, aquelas conclusões sôbre a prece eram novas e surpreendentes. Tal como acontecia em todas as esferas religiosas do seu tempo, supunha que orar equivalia a pedir. As cerimonias da igreja, quasi sempre, resumiam-se em longas súplicas, apenas. Os livros devocionais englobavam rogativas, da primeira a última página. Os ex-votos, as procissões, os sermões públicos, representavam pedidos insistentes. Por isso mesmo, a viuva inqueriu com certa indecisão:

— Vossos esclarecimentos quanto á oração me surpreendem; contudo, necessito expôr minhas dúvidas mais intimas. Não teria Deus concedido ao mundo a faculdade de rezar, a-fim-de que a alma humana aprendesse a pedir? Sempre conheci essa manifestação do sentimento como rogativa. Considero, entretanto, que, se toda nossa atividade religiosa estivesse circunscrita aos atos precatórios não passaríamos, neste mundo, de uma assembléa de mendigos. Que dizer do homem que reclamasse, de mãos postas, o manjar do céu, tão só porque ratinha o suor na sementeira do seu quintal? Poderá alguém insistir na obtenção da verdadeira paz, quando ainda disputa a ferro e fogo a posse de bens pereciveis? Chegará alguém á esfera dos anjos, quando ainda não chegou a ser homem?

Reconhecendo o interêsse despertado por suas palavras, Damiano sentiu-se encorajado e continuou:

Naturalmente que deveremos apelar para o céu, mas, no interpretar a prece como rogativa, suponho que não devemos ir alem do "Pai Nosso", porque, acima de tudo, julgo que a oração deve ser um esforço para nos melhorarmos. Deus nos procura a todo momento e o ato devocional será, então, tarefa incessante do espírito, apagando as imperfeições, para que o Pai nos encontre.

— Mas, criaturas ha que maldizem o destino — acrescentou Madalena sumamente interessada. — Como não importunar o céu, quando padecemos necessidades angustiosas? Para muita gente, a Terra não passa de odioso degredo e o corpo representa escuro cárcere.

— Não creio. Só ha mendicidade em nossa alma. E no que se refere a paisagens do mundo, o proprio deserto tem a sua beleza. As estradas que pisamos estão reple-

tas de perspectivas encantadoras. Uma folha da primavera ou um punhado de areia são documentos da glória de Deus em nossos caminhos. Quando nos referimos á regiões sombrias ou desoladas, geralmente esquecemos que elas se localizam em nosso mundo íntimo. A noção de cárcere, como a dor do remorso, nunca fôram observadas no horizonte azul nem no canto dos pássaros, simplesmente porque residem a dentro de nós mesmos.

— E o sofrimento, padre Damiano? — perguntou Madalena Vilamil, já tocada por aqueles altos conceitos. — Que me dizeis do problema do destino e da dor? Nosso futuro espiritual, após a morte, não está encerrado no céu, no purgatório ou no inferno, sem remissão?

O interpelado sorriu e esclareceu:

— Esta palavra ouvida pela Inquisição, representaria um crime de traição para o fanatismo de nossa época e nos levaria á fogueira. Esta circunstância nos leva a refletir na magnitude da tarefa a realizar, mas, se eu disser que minha interpretação é diferente? A morte não existe como a entendemos. O que se verifica, apenas, é uma transmutação de vida. Os teólogos suprimiram a chave simples das nossas crenças. Quando o corpo é reclamado pelo sepulcro, o Espírito volta á pátria de origem e como a natureza não dá saltos, as almas que alimentam aspirações puramente terrestres continuam no ambiente do mundo, embora sem o revestimento do corpo carnal. Desde a mais remota antiguidade, os homens se comunicaram com os seus semelhantes desincarnados.

E, ante o olhar admirativo da jóven senhora, Damiano passou a recordar:

— Enéas fez consultas a Anquises, por meio dos estranhos poderes da feiticeira de Cumas; Plutarco afirmava que os seres de outro mundo se manifestavam nos Mistérios; Sócrates tinha seu genio familiar; Apolônio de Tiana sentia-se auxiliado por entidades invisíveis; os imperadores romanos buscavam os pareceres dos habitantes de Além-Tumulo, com a cooperação dos Oráculos; Vespasiano procurou a palavra dos numes tutelares no Oráculo de Geryon; Tito fez o mesmo na Ilha de Chipre; Trajano imitava-os, sondando as revelações do Oráculo

de Heliópolis, na Siria; os cronistas do tempo antigo declaram que Augusto, depois de iniciado no culto de Eleusis, tinha contacto com os fantasmas; nas páginas sagradas da Bíblia vemos Saul procurando o falecido Samuel por intermédio da pitonisa de Endor, e contemplamos os discípulos de Jesus bafejados pelo Espírito-Santo, no glorioso dia do Pentecostes...

E' extraordinário! — exclamou a espôsa de Cirilo felicitada por novas luzes. — Quer dizer que os entes queridos que nos antecedem no tumulto, nos esperam no limiar da outra vida, para as alegrias do reencontro!...

Damiano esboçou um gesto altamente significativo e acrescentou:

— Nem sempre será indispensável partir para reencontrar...

— Por que? — interrogou admirada.

— Nossa época não comporta a divulgação das supremas verdades, mas nós nascemos e renascemos. A vida é uma só; entretanto, as experiencias são diversas. O proprio Jesus declarou aos mentorés de Israel que não era possível atingir o Reino de Deus sem renascer de novo. Inferno ou purgatório são estados de espirito em tribulação por faltas graves, ou em vias de penitência regeneradora.

A viuva Davenport teve a sensação de haver sido levada a um porto de grandiosas revelações. Recordou, subitamente, seu primeiro colóquio com o rapaz irlandês que elegera para seu companheiro de existencia, quando lhe confiara as predições do velhinho de Granada. A figura quasi apagada do egipciano erradio ressurgia-lhe nos arcanos da memória, com os minimos contornos. Assim que, reviu na téla imaginada as portas do Alhambra e as amiguinhas bem amadas, destacando-se de todas as recordações, as palavras conselheiras do desconhecido: "Prepara-te, minha filha e une-te á fé em Deus, porque teu cálice, no mundo, transbordará de sofrimentos. Não vivemos apenas esta vida. Temos várias existencias e a tua existencia actual é promissora de tributos afanosos para a redenção". Sinceramente impressionada, relatou o incidente, que o religioso acolheu com singular carinho.

— Podes crer, — afirmou convicto — que esse anção deveria ser um grande inspirado.

— Mas será possível que se troque de corpo como se muda de vestes?

— Justamente. Só isso, minha filha, explica as profundas diferenças do caminho. Nas estradas em que buscamos a luz da salvação, encontramos os seres humanos mais dispaes. Ali, depara-se-nos um homem impiedoso, detentor de sólida fortuna; acolá, debate-se um justo entre a fome e a enfermidade, que parecem intermináveis. Num mesmo lar nascem santos e ladrões. Ha pais excelentes cujos filhos são indesejáveis, monstruosos. Uma via pública exhibe jovens elegantes e miseráveis criaturas que se arrastam entre a lépra e a cegueira. Poderias admitir que o Criador, magnânimo e sábio, deixasse de ser pai para ser um experimentador desalmado? Não admitamos esse absurdo teológico, mas ponderemos na verdade de que se cumpre, — desde agora, o “a cada um segundo suas obras”, dos ensinamentos de Jesus. Na obra divina, infinita e eterna, cada filho tem responsabilidade propria. A criatura se engrandecerá ou submeter-se-á ao rebaixamento, conforme utilize as possibilidades recebidas. No caminhar de cada dia, podemos observar os que ascendem, apesar dos dolorosos testemunhos, os que estacionam em receios inúteis, os que resgatam e os que contráem novas dívidas.

Madalena Vilamil, depois de apurar ainda mais as impressões proprias, considerou sensibilizada:

— Vossas razões me suscitam mais vastos raciocínios. Às vezes, padre, sonho com assembléias que me forçam a decisões prejudiciais, com praças armadas e onde minha voz ordena esforços rudes... Vejo-me, então, detentora de poderes, rodeada de súditos numerosos... Em seguida, acordo exausta, com a impressão de haver regressado de uma região de reminiscências indesejáveis.

— Ah! sim? — murmurou Damiano com um sorriso — quem sabe a nossa permanência em Avila constitue uma repetição de circunstancias do passado ominoso? E' possível que tenhamos tido riqueza e autoridade, exer-

cendo tirania. A casa de Deus é cheia de justiça com misericórdia.

A viuva Davenport meditou alguns minutos nas provações sofridas, considerou a razoabilidade dos conceitos expendidos e concordou:

— E' verdade. Minha existencia parece obedecer a esse plano de tributos expiatórios. Desde criança, venho observando que nas situações decisivas, sou obrigada a curvar-me ás circunstancias. Nos grandes lances, tenho a impressão de que minha vontade é anulada por misterioso poder...

— E és muito feliz em não desobedecer.

— Entretanto, padre, as maguas são muitas e rudes.

— Mas se o esforço divino de Jesus foi aureolado no Calvário, quem poderá pensar na glória celeste sem a corôa de espinhos? As pessoas felizes costumam não ter história, e quando a possuem, nem sempre regista episódios mais dignos. Com essa idéia, não quero dizer que devamos andar no mundo como aventureiros do sofrimento, em farragem de trapos e lamentos, mas desejo realçar o valor das lutas incruentas do coração, que temperam o carater e iluminam a vida. A maioria dos santos esteve indecisa, até que o testemunho redentor, pela dilaceração de si mesmos, lhes abriu os horizontes infinitos da Eternidade. Nascemos e renascemos, até que possamos encontrar asas de sabedoria e de amor para os vãos supremos.

— Vossas idéias a respeito da pluralidade de existências — disse Madalena — traduzem imensas consolações. Depois que voltei da França já fui duas vezes á igreja de São Tomaz, assistir aos officios religiosos, mas nunca poderei definir as emoções que me assaltaram ao contemplar as imagens antigas. Ao ajoelhar-me proximo do púlpito, a grandeza do velho templo parecia revocar-me a lembranças imprecisas de outras eras, que eu não conseguiria definir. Terminada a missa, visitei todos os altares e extasiei-me na contemplação do velho claustro... Poderosas impressões dominaram-me o pensamento... Fiquei convencida de que cada cousa, ali me era familiar e con-

tudo, quando menina, no internato, raras vezes visitei esse templo e nunca experimentei tais sensações.

— Sim redarguiu Damiano em atitude de funda reflexão — a igreja e o claustro de São Tomaz têm sua história longa e estranha. Ali foram tomadas muitas deliberações importantes, nas reuniões dos reis católicos com os membros do Santo Officio.

Houve uma pausa e logo a moça interrompeu:

— Já que essas teorias tanto edificam, por que não cuida a igreja de as divulgar?

— Por enquanto não devemos pensar nisso. Estas revelações espirituais nos chegam da mais remota antiguidade, mas a igreja católica não poderá tão cedo espalhar o clarão dessas verdades confortadoras. A noite que desceu sobre nós ainda não terminou.

— Mas, acaso não se trata de consolações divinas?

— Sim, mas nossa crença atual tem sua base no terror da tirania religiosa e não na liberdade sublime do Evangelho. Se Jesus voltasse agora á Terra seria perseguido como impostor, com suplicios talvez maiores que os da cruz. A barca de Roma é diferente da barca da Galiléia. Na primeira, temos sacerdotes ambiciosos e insaciáveis; na segunda, tinhamos pescadores. Em Roma, esplendem palácios; enquanto que em Belém fulgia a mangedeira. No Vaticano, faiscam gemas preciosas da tiara pontifícia; em Jerusalém o cálice era de vinagre e a corôa tecida de espinhos.

Madalena recolhia as citações com indifarsavel interesse, enquanto o eclesiástico rematava:

— Compreendes as diferenças?

— Abraçais então a Reforma? — arriscou, referindo-se ao movimento religioso iniciado por Martinho Lutero.

— Aceito a necessidade da reforma íntima. Se os protestantes puderem alcançar semelhante renovação, por certo serão bem-aventurados. Quanto ao mais, se ainda me encontrasse sem responsabilidades definidas, seria justo empunhar uma espada de batalhador ativo em prol do restabelecimento da verdade; contudo, se Deus me chamou ao labor do ministério católico, devo obedecer,

compreendendo que o meu combate é no silêncio e na meditação, longe dos olhos indiscretos do mundo.

Aquelas conversações construtivas repetiam-se diariamente. Quando o sacerdote não comparecia, a viuva Davenport, Dolores e João de Deus, seguidos de Alcione, prosseguiram nos mesmos comentários. Eram passagens evangélicas, livrinhos de meditações, contos educativos, o material de luz das palestras fraternais do grupo modesto. Padre Damiano, de vez em quando, contava a história dos primeiros mártires do cristianismo, e a recordação dos sacrifícios provocava um manancial de lágrimas benéficas. A lembrança de sua resistencia heróica, de sua exemplificação de coragem, bondade e fé, acendia em todos novas claridades confortadoras.

Os meses corriam céleres para aquela reduzida assembléia de corações, que não desejava outra coisa senão a paz perfeita em Jesus.

A pequena Alcione encontrava singular encanto nas descrições dos tempos remotos, em que os cristãos perseguidos se reuniam nas catacumbas abandonadas. A narrativa das festividades bárbaras da época de Nero marejava-lhe os olhos, mas quando ouvia a leitura das respostas firmes dos mártires aos algozes, exultava de entusiasmo. Denunciando vocação para o sacrificio, certa vez interrogou:

— Padre Damiano, onde é agora o circo? E as feras? Ainda podemos sofrer para mostrar a Jesus que não estamos de acôrdo com os que o crucificaram?

O religioso achou muita graça na lembrança e explicou:

— Sem dúvida, poderemos testemunhar nossa fé a todo tempo, em todas as circunstâncias.

E observando que a criança aguardava resposta completa, concluiu sorrindo:

— Agora o circo é o mundo e, na maioria dos casos, as feras são os homens.

Dois anos, relativamente tranquilos, assim passaram. O religioso amigo vivia sempre na expectativa de uma sur-

tida á América. Quando todos os detalhes pareciam ajustar-se ao cometimento, surgia um imprevisto dominante. Adiam-se então as esperanças, indefinidamente. Madalena Vilamil, todavia, gosava melhor saúde, com exceção dos pés, que a obrigavam a se contentar com a pequenina paisagem da sua granja pobre. Movimentava-se, porém, sem maiores torturas, dentro de casa e no âmbito do quintal, e isso era motivo de enorme satisfação. As palestras e reflexões diárias, sobre a vida espiritual, renovavam-lhe as forças psíquicas. Tinha ilimitada confiança no futuro de além-tumulo. No trato das idéias novas, chegava á conclusão de que a viuvez e a pobreza material representavam condições do testemunho e em tudo havia possibilidades de honrar os decretos divinos. Recordava o passado, detinha-se nas reminiscências dos dias mais tormentosos e refletia que as piores situações haviam passado. Além do mais, a Providencia lhe concedera um bálsamo celestial nas carícias da filhinha, cuja companhia representava o alfa e o ómega da sua vida. Sua fé religiosa, ao influxo dos novos conhecimentos, ganhara maravilhosos poderes de resistencia. Estava certa de que encontraria novamente o espôso e os pais, quando entregasse o corpo material ás sombras do tumulo. Essa crença proporcionava-lhe constante renovação de energias morais, e chegada a noite, na hora das preces, sentia doce tranquilidade de consciencia e uma infinita esperança a encher-lhe o ferido coração.

Por essa época, verificou-se memorável evento no sítio. Atendendo a generosa interferencia de amigos, os Estigarribias consentiram no casamento de João com a Dolores e Madalena muito se regosijou com o feito. A cerimonia, muito simples, foi celebrada na residencia da noiva, pelo padre Damiano, com a presença de D. Alfonso, que via no feito um elo a unir a fazenda poderosa á humilde chácara confinante.

João de Deus, no entanto, casara-se sob condição de continuar na mesma situação de semi-liberto, da qual a espôsa teria de compartilhar. Dolores, todavia, ficou livre para prosseguir cooperando com a ex-senhora, como lhe aprouvesse, apesar de Madalena ter agenciado outra

serva, indispensavel aos trabalhos da horta e do pomar.

A família Estigarribia, desejando talvez apagar as más impressões do passado, mandou construir uma casinha modesta para o casal, justamente na divisa da chácara, para que a senhora Vilamil não ficasse afastada dos seus amigos prestimosos.

Dessarte, o casamento da serva não alterou o regime doméstico de Madalena, de maneira essencial.

E, como a interpenetração de planos constitue fenómeno inelutavel no curso da vida, vejamos o que ocorria a Antero de Oviedo no plano espiritual.

Em região de sombras compactas, seu espírito reparava com lágrimas de compunção a inconciencia de outrora. Azorragado pelo remorso, tinha a impressão de estar mergulhado em noite infinda, no bojo imenso de insondavel abismo. Dois anos lhe pareciam dois séculos de amargor inconcebível. De quando em quando, tentava erguer-se do abatimento que o prostrava, para logo recair em marasmo de agonias, como se-lhe não fôra possível, intentar sequer, desprender-se daquela geêna.

A princípio, tinha fome e sede, mas, aos poucos, tais sensações cediam a padecimentos mais atrozes. As ultimas impressões da morte trágica subsistiam e até se requintavam esmagando-o, qual catadupa de indefníveis angústias. Terrífico silêncio envolvia-o, uniforme, invariavel. Quando ansiava por ouvir vozes humanas, chegavam-lhe ruidos confusos de gargalhadas escarninhas, deixando-o quasi convicto de estar sendo espreitado por inimigos intangíveis, que, embora igualmente mergulhados no manto de trevas espessas, zombavam de Deus e das noções santificantes da vida.

Lágrimas dolorosas lavavam-lhe o rosto, incessantemente. Apesar-de convencido do seu desprendimento do corpo carnal, guardava a impressão nítida de sua personalidade humana.

Precito impenitente, recompunha os minimos élos das exeperiencias em que fracassara. A infancia na Espanha, os desvelos maternos de D. Margarida, as preciosas oportunidades perdidas, tudo, tudo o atormentava e transformava o coração em fonte de pranto ines-

tancavel. As possibilidades de Paris apareciam-lhe agora com largos caminhos que o teriam conduzido ao dever mais nobre e no entanto, cruel e egoisticamente desprezados. A lembrança do crime praticado com a prima, enfêrma e indefesa, era uma úlcera envenenada que lhe agravava a desventura. Era como se ali a tivesse, recebendo a falsa notícia da morte do marido, acarinhando a recém-nascida, desfeita em pranto. Depois, era o moço irlandês viajando cheio de confiança nos seus préstimos fraternos e, — cousa extraordinária! — no pandemonio das recordações como que lhe ouvia as ultimas palavras na véspera da partida.

Apuado pelo remorso, voltava ás ruas parisienses devastadas pela varíola ascorosa, e debalde tentava regredir no tempo, a-fim-de corrigir o erro clamoroso. Nos pesadelos que o assediavam, revia a casa de Santo Honorato, ansioso por defender Madalena até o fim, mas, simultaneamente, a lembrança do cemitério com as aleivosas sugestões de Suzana, passava-lhe no cérebro entontecido, qual nuvem de fogo. Uma azenha ao estridor de reminiscências amargas, que pareciam não ter fim. A recordação do regresso á terra natal com propósitos ignóbeis e a insistencia brutal por satisfazer-los com a prima, que deveria respeitar, levavam-no ás ráias da loucura. Federigo Izaza surgia-lhe como verdugo de cuja influência aviltante era preciso fugir, mesmo de longe.

Atemorizavam-no as reminiscencias concernentes ao comércio e tráfico escravagista. Revia as cenas torpes das embarcações negreiras, nas raras vezes que as visitara ao largo da costa africana. E ouvia as lamentações e praguejos dos que se viam obrigados á separação dos entes queridos. Tudo lhe aflorava á mente dolorida, com prodigiosa vivacidade e nitidez.

Como não conseguira entrever a verdade na Terra? Que venda estranha lhe cegara os olhos? Por que não amparara Madalena nas vicissitudes da sorte, em vez de arruinar-lhe o porvir de espôsa e mãe? Por que anuira á criminoso sugestão de abusar das criaturas ignorantes, conduzindo-as a imerecido cativeiro, quando lhe compe-

tia auxilia-las fraternalmente por comeseinho dever de humanidade?

Rememorando o passado, Antero de Oviedo chorava convulsivamente, azorragado na conciencia.

O veneno fulminante com que se suicidara, parecia corroer-lhe ainda as visceras, num suplicio sem fim.

Tremia, chorava, aniquilava-se dentro da sua imensa dor.

Todavia, o fato que mais o impressionava era ter a destra mirrada e um dos pés ressequido! A treva impedira-lhe a visão, mas, de quando em quando, pelo tacto, com sensações dolorosas, ia compreendendo a singular anomalia.

Escoados mais de setecentos dias de incomensuravel amargura, certa vez, rogou a Deus, com todas as veras do coração, lhe permitisse uma esmola de luz no seio das trevas que o envolviam. Recordou a figura de Cristo, que jamais procurara entender na Terra, e chorou como nunca. Implorou, então, compungidamente, que o Salvador se apiedasse da sua angústia infinita. Em voz baixa, qual criança imbele, pediu com sinceridade, embora reconhecendo o demerito proprio, que o auxiliasse, permitindo que sua mãe adotiva viesse trazer-lhe uma palavra de coragem e reconforto.

Depois de assim recorrer com a humildade de quem supplica saturado de inutil desespero, viu, pela primeira vez, destacar-se na treva um círculo de claridades confortadoras. Tomado de assombro, sentiu que alguém se aproximava em seu socorro. Mais alguns instantes e o Espirito de D. Margarida tornava-se-lhe visível.

— Ah! minha mãe!... — exclamou, arrastando-se para beijar-lhe os pés — ha quantos séculos me separei do seu coração afetuoso?

A espôsa de D. Inácio, cercada por um halo de luz, tinha os olhos nevoados de lágrimas. Inclinou-se e murmurou docemente:

— Oh! meu filho, como te encontro!... Onde puseste o amor que te dei? Por que te chafurdaste no tremedal das paixões humanas, quando te ensinei a elevar

o pensamento a Deus, desde os primeiros dias da tua infância?

Em atitude maternal, sentou-se ao seu lado e acariciou-lhe a cabeça, que o rapaz conservava sobre a mão esquerda, a chorar convulsivamente.

— Como te venho encontrar, Antero! Os mensageiros de Jesus permitiram viesse trazer-te alguma consolação. Reanima-te, filho!...

— Perdi tudo — exclamou o desventurado — não me resta da experiencia humana senão um mar de tormentos e lágrimas. E, por fim, minha mãe, Deus me atirou neste abismo nefando!...

Mas a nobre entidade cortou-lhe a palavra asseverando:

— Não blasfemes! Deus é Nosso Pai e nos criou para a luz eterna. Somos os responsáveis pela queda nos desfiladeiros cruciais. A Providencia nos cerca de todos os carinhos, traça as sendas de amor que devemos trilhar e no entanto, meu filho, no círculo da liberdade humana, relativa, a paixão nos aniquila, o orgulho nos cega, o egoismo nos encarcera em suas prisões malsãs. Como poderias afiançar que o Senhor te conduziu a este lugar tenebroso, se desprezaste o roteiro da sua infinita misericórdia?

Antero, entretanto, tocado pelas angustiosas recordações terrenas, obtemperou amargurado:

— Mas tudo no mundo conspirou contra mim!

— Não seria mais acertado, dizer que conspiraste contra tudo?! Combateste os sentimentos nobres que te infundí na infancia; guerreaste a paz do nosso lar; tramaste contra os seres nascidos em liberdade. Onde pús, em teu coração, os ensinamentos de Cristo, entronaste a indiferença; no caminho de duas almas em união santificada por Jesus, semeaste a mentira e o sofrimento; nas regiões por Deus destinadas á vida livre, plantaste os espinhos da escravidão. Não teria sido misericórdia arrancar-te aos sorvedouros do mal, trazendo-te a esta noite desolada para que pudesses meditar? Abençoa as dores que te ferem o espirito e esfaqueiam o coração. Essas amarguras atrozmente obrigam-te a calar, para que a verdade

te fale á consciencia. Ainda para os mais brancos criminosos, endurecidos no mal, sempre surge um momento em que, premidos pela dor, são forçados a ouvir a voz de Deus.

O réprobo soluçava nos braços da locutora, qual filho ansioso por desabafar todas as máguas no regaço materno. Aquelas palavras deram-lhe grande alento ao coração delido.

— Reconheço a enormidade das minhas faltas — concordou humildemente — no entanto, mãe, fui órfão de todas as alegrias!

— Não o foste tal e sim, e só, um sêr incontentavel.

— Aspirações cortadas por um destino cruel...

— Ninguém pode alcançar felicidade quando transforma as aspirações em caprichos inferiores.

Traduzindo num gesto relutancia e desacôrdo, ei-lo a insistir:

— Todas as lutas terrestres ser-me-iam favoraveis se Madalena me houvesse atendido ao coração. A seu lado eu cultivaria a virtude, fugiria do mal, teria vencido as mais rudes batalhas, mas...

A nobre entidade aproveitando a pausa reticenciosa, redarguiu com energia e serenidade:

— Não acuses tua irmã por faltas oriundas de tuas próprias fraquezas. Madalena jamais te faltou com a exemplificação fraternal. Assediada por necessidades cruéis, foi tua amiga desvelada; nas horas de incerteza, sempre teve uma palavra de inspiração honesta para os teus designios. Que mais poderias desejar?

Ele abanou a cabeça e respondeu:

— Mas, de coração foi sempre inflexivel. Talvez um gesto de ternura, um beijo, uma esperança... me salvassem...

— Como nunca te lembraste de lhe oferecer o carinho com desinteresse de coração? Por que não recordaste o beijo fraternal, com cuja essencia poderias retificar a mentira execravel que lhe agravou os padecimentos no mundo? Viveste, meu filho, aproveitando as situações criticas para forjar ações criminosas; acompanhaste-lhe as lágrimas com atitudes frias e gozaste intimamente

com a separação de duas almas que Jesus havia unido em suas bênçãos de amor. Que seria de ti se Madalena houvesse atendido aos teus arrastamentos inferiores, esquecendo os deveres sagrados de esposa e mãe? Terias uma noite mais densa, dores mais cruéis. Caíste, é verdade; mas, ainda podes orar, ainda tens a dádiva do pranto remissor!...

O sobrinho de D. Inácio, agora, parecia flagelado por uma tempestade de lágrimas. Tinha a impressão de recuperar a razão, mediante aquelas recriminações boladas face a face pela lealdade da mãe adotiva. Nada obstante os sofrimentos experimentados, ainda não havia tudo aprendido. Sómente agora conseguia esmar a extensão da sua cegueira criminosa no mundo. Esmagado pelo justo reconhecimento das faltas clamorosas, sentiu-se incapaz de algo mais objetar, permanecendo á mercê dos remorsos pungentes.

D. Margarida, depois de longa pausa, acariciou-lhe a mão mirrada e falou:

— Já refletiste nos resultados da empresa que tentaste no mundo? O menosprêzo da oportunidade reparadora fere-te agora com amargas consequências. A mão que assinou documentos condenáveis aí a tens mirrada; o pé que se moveu no rumo dos feitos delituosos está ressequido; os olhos que procuraram o mal repletam-se de sombras espessas...

Em ouvir tais cousas, o rapaz mostrou reconhecer num gesto a sua penosa situação, mas, lembrando-se subitamente da presteza com que sua prece fôra atendida, no caso da vinda de sua mãe pelos laços espirituais, asseverou humildemente:

— Rogarei a Jesus me socorra com a liberdade de movimentos.

— Sim — explicou D. Margarida — o Senhor não te negará o quinhão da sua excelsa bondade, mas só ao contacto de novas lutas terrenas conseguirás reintegrar-te nas faculdades sagradas que espesinhaste, esquecendo voluntariamente os mais nobres deveres.

— Como assim? — interrogou admirado.

— Jesus perdoa, não com as fórmulas verbais, tão

faceis de enunciar, mas com a renovação do ensejo de purificação. O corpo terrestre é tenda preciosa, na qual podemos corrigir ou engrandecer a alma, apagar as nódoas do passado obscuro, ou desenvolver asas divinas, por nos libramos a pleno espaço em busca dos mundos superiores. Sómente na Terra, meu filho, onde imprimeste tão negro cunho aos próprios erros, encontrarás meios de regenerar a saúde espiritual, pervertida no crime.

— Mas não bastaria a misericórdia divina a meu favor? —olveu ansioso, por afastar a perspectiva de humilhações no ambiente humano.

— A misericórdia jamais falta, em tempo algum; ela permanece na afeição sincera dos amigos espirituais, que velam por ti e no próprio remorso que te molga o espírito desolado. Deus tudo concede, mas não nos pode isentar das experiencias necessarias. O perdão do Pai, ao lavrador ocioso, está na repetição anual da época de plantio. Nessa renovação de possibilidades, o sementeiro indolente encontra os meios de regenerar-se, ao passo que o trabalhador diligente e ativo defronta condições de engrandecimento sempre maior. Compreendes, agora, o perdão de Deus?

— Compreendo!

— Pois bem; se rogaste ao Senhor a minha presença, implorei igualmente a Jesus me permitisse reorganizar as tuas possibilidades de trabalho no orbe teressetre. A bondade infinita do Mestre concedeu-me essa dita. Só assim poderás restabelecer o equilíbrio da tua personalidade.

E ante o gesto de espanto do rapaz, que a ouvia mudo, a benfeitora prosseguiu:

— Ainda poderás aproveitar a missão de Alcione, que voltou ao nosso nucleo familiar a-fim-de nos ensinar a todos a humildade, o amor, o perdão recíproco e a obediencia a Deus. Não terás a beleza física de outros tempos, nem a liberdade plena de movimentos, mesmo porque regressarás ao mundo para um esforço de cura; todavia, se bem souberes renunciar aos teus caprichos, ao terminar as futuras provas estarás reintegrado na

harmonia espiritual, para prosseguimento de novas tarefas evolutivas, na carne ou fóra dela. Jesus me concedeu a dita de trazer-te esta dádiva. De ti, porém, depende agora prolongar teus sofrimentos expiatórios, ou assumir o compromisso de os abreviar.

Antero temia as angústias da Terra, mas, compreendendo a generosa intenção da venerável amiga, murmurou:

— Aceito.

Desde o momento em que se revelou absolutamente conformado, sentiu que o Espírito maternal o sustinha nos braços fortes e acolhedores.

Por quanto tempo andaram assim, os dois, através de extensas paragens sombrias? De si, não o saberia dizer.

Em dado instante, porém, viu-se, com a benfeitora defronte de modesta vivenda cercada de arvoredos. Não teve dificuldade em identificar o teto humilde onde havia instalado Madalena. Aproximaram-se. A esposa de Cirilo entretinha-se a costurar junto da filha, que parecia muito atenta ao trabalho materno. O rapaz esboçou um gesto e teve uma exclamação de surpresa, mas logo compreendeu que ninguém dera pela sua presença naquele aposento banhado de sol.

D. Margarida tranquilizou-o com um gesto e acrescentou:

— Vês? Ela vem lutando heróicamente e aproveita, agora as contingências da pobreza material, para elevar-se a Deus.

O precito entrou a meditar profundamente. Daí a instantes, todavia, a graciosa Alcione, como que tocada no imo do coração, exclamou com estranho fulgor nos grandes olhos:

— Mamãe, a senhora tem-se lembrado do primo Antero?

— Por que perguntas?

— E' que hoje quero pedir a Deus por êle, quando a senhora fôr rezar.

— Pois sim — disse a esposa de Cirilo comovida.

— Mamãe, ha quanto tempo êle foi para o céu? — interrogou a linda criança, na sua ingenuidade encantadora.

— Ha pouco mais de dois anos.

Mal sabiam que Antero de Oviedo ali estava ajoelhado junto delas e desfeito em lágrimas, ao refletir que aqueles dois anos lhe pareciam dois longos séculos.